

*“As obras de arte são de uma infinita solidão;
nada as pode alcançar tão pouco como a crítica”
Rainer Maria Rilke ⁽¹⁾*

t r a n s p a r ê n c i a s

A Bienal no Rio reúne quatro exposições: Aluísio Carvão - 50 anos de pintura, Interiores - Coleção Gilberto Chateaubriand, Esculturas - Coleção Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e Transparências - Arte Contemporânea. Esse conjunto de mostras tem como objetivo mostrar um panorama da arte brasileira e em especial da arte carioca. O patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro foi fundamental para a realização desse projeto; assim como o apoio de várias empresas e da Fundação Bienal de São Paulo.

Agradecemos a todos que tornaram possível esse evento, e a presença dos curadores internacionais: Jean-Hubert Martin, Achille Bonito Oliva, Paul Schimmel, Mari Carmem Ramirez, Catherine Millet, Katalin Neray e Gerardo Mosquera que atenderam tão gentilmente o nosso convite.

Os artistas de *Transparências* não necessariamente nasceram ou moram no Rio de Janeiro; mas todos tiveram a cidade como seu ponto de partida, seu pouso, seu porto. São de gerações diferentes, mas produzem obras igualmente instigantes e afinadas. Sua reunião deixa clara a vitalidade dos artistas e da arte carioca e brasileira, e sua capacidade de se desenvolver independente (ou a partir?) dos sobressaltos e turbulências político, econômico e sociais que caracterizam o Rio e o Brasil.

Os espaços transparentes concebidos por Affonso Eduardo Reidy para o MAM.RJ foram o ponto de partida para a definição de uma idéia de ocupação do espaço. A eliminação dos painéis (que já havia sido feita de maneira brilhante na exposição 7X Ar⁽²⁾) deixou nítida a presença agressiva da paisagem, da quase inacreditavelmente bela paisagem carioca. De um lado, o bloco de concreto da cidade, de outro, o bloco de granito do Pão de Açúcar; de um lado o rio de automóveis, de outro a Baía de Guanabara - o rio - o Rio de Janeiro que viram os navegantes. A paisagem foi velada de forma delicada, e penetra agora mais misteriosa, entrevista - cheia de cores/ amores/ dores.

Desafiados a trabalhar sem o apoio de painéis e dentro de sua interpretação à idéia de transparência, cada artista encontrou um caminho diverso produzindo uma grande instalação onde as obras se isolam, se interpenetram e se fundem entre elas e com a paisagem.

Denise Mattar e Marcus de Lontra Costa

antonio dias

retorna a uma certa estranheza, sobre a qual dizia Roberto Pontual: *O confronto entre ira e assepsia*⁽³⁾. Os falos/copos ou ossos/tubos de ensaio são elementos já vistos em suas obras, que saem do bidimensional transmutados em formas de vidro - repletas de água, vinho, terra e luz, soltas no ar, como estavam no papel. Um estranho laboratório onde são discutidas questões de vida e de morte.

carla guagliardi

cria um sistema de tensões; situação de risco na qual pêndulos congelados distendem fios com um peso que eles parecem não suportar. Um estado transitório sendo lentamente desfeito, alterando gota a gota as formas e as relações de equilíbrio.

ernesto neto

diferentes densidades de matéria num precário equilíbrio. Intumescendo, tímida de branco a trama é distendida até a transparência. Contida e tensionada a cor tenta escapar, fugir da teia, e então, transpira.

fernanda gomes

um trabalho sempre discreto, quase impalpável; na sua arqueologia urbana cada objeto banal do nosso cotidiano é isolado e visto com sensibilidade e delicadeza. *Ela deseja experimentar uma nova convivência significativa com as coisas no atual espaço de impermanência, quer voltar a dirigir uma atenção demorada e intensa ao redor*⁽⁴⁾. Sua instalação reflete mais uma vez essa busca do subjetivo. Resíduos de nossa passagem na terra.

iole de freitas

incorpóreo, intangível. Suas malhas transparentes ondulam entre cristais numa paisagem de água, ar, mar. Enormes volumes feitos de quase nada, onde metais e pedras revelam seu lado etéreo. *Escrito na água, nome líquido, enternecimento dos metais*⁽⁵⁾.

ivens machado

estranha caligrafia feita de madeira e cimento em articulações tensas e delicadas. Escrita enigmática, quase um cardiograma medindo pulsações imaginárias, sístoles e diástoles, movimentos invisíveis de nossa energia vital. Um caligrama tridimensional, donde se irradia *estranho magnetismo, se irradia de peças bem acabadas, perfeitas em sua simulação de abandono*⁽⁶⁾.

josé damasceno

o método empírico que o artista emprega (...) e o tipo de questão que ele levanta demonstram uma aproximação da arte pelo nonsense...⁽⁷⁾. Sua instalação fala da relação arte - observador; da ilusão da perspectiva; que é quase uma mágica; como aquelas feitas pelos prestidigitadores com as cartas de baralho. Arte e ilusão - fusão entre o visível e o invisível.

lygia pape

surpreende com um sensualismo inesperado. Na sua "natureza morta"; a disciplina construtiva cedeu lugar à voluptuosidade. Cores e perfumes nos envolvem, frutas suspensas no ar se revelam como formas. Ao serem retratadas perdem elas a sua essência? *Onde está a luxúria? Nas quitandas ou em Juan de Cotan?*⁽⁸⁾.

rosângela renó

recorre ao seu Arquivo Universal, *um inventário infinito de textos extraídos de jornais (...). constituído pela ausência da imagem, contém paradoxalmente todas as imagens do mundo; todas que já foram feitas, aquelas que se realizam a todo momento e todas as que virão*⁽⁹⁾. Na mostra ela apresenta "imagens" de sequestros, tendo como pano de fundo a própria cidade onde eles se realizaram. Registro de uma violência que não se pode esquecer.

tunga

1/2 de 100 com terra é um experimento de observação. Cinquenta partículas / pessoas se movimentam dentro de um curso determinado e periodicamente abrem seus núcleos. Entranhas viscosas são expelidas, mescladas de terra. Moldadas cuidadosamente elas se tornam resíduos; resíduos semeados que permanecem à espera.

valeska soares

saudade; aquela que nos vem à mente despertada por um perfume antigo, numa caixa de fotografias. E que nos faz lembrar de momentos bons ou maus, com certa melancolia. Saudade - dos que partiram para outra dimensão, ou outro país, como a artista. *Nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas tem mais flores, nossos bosques tem mais vida, nossa vida mais amores*⁽¹⁰⁾. Saudade é sempre uma canção do exílio.